

FLORADAS POÉTICAS, REGISTROS DA FLORA DO CARIRI CEARENSE NA OBRA DO POETA PATATIVA DO ASSARÉ

<https://doi.org/10.4215/rm2024.e23017>

Guedes-Bruni, R.R. ^{a*} - Matta, M.V.M.G.A. ^b - Brito, M.R. ^c - Sales, G.P.S. ^d - Peixoto, A.L. ^e

(a) Doutora em Ecologia

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9181-6309>. **LATTES:** <http://lattes.cnpq.br/3492080592616023>.

(b) Especializanda em Libras

ORCID: <http://orcid.org/0009-0008-3446-3747>. **LATTES:** <http://lattes.cnpq.br/5870516834083325>.

(c) Doutora em Ciências Biológica

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6441-3785>. **LATTES:** <http://lattes.cnpq.br/7233659593044981>.

(d) Doutorado em Geografia

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6489-917X>. **LATTES:** <http://lattes.cnpq.br/6652006690627496>.

(e) Doutora em Biologia Vegetal

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1959-8543>. **LATTES:** <http://lattes.cnpq.br/4186411197580812>.

Article history:

Received 24 May, 2024

Accepted 04 July, 2024

Published 10 August, 2024

(*) CORRESPONDING AUTHOR

Address: PUC. Gávea, CEP: 22451900, Rio de Janeiro (RJ), Brasil. Tel: (+55 21) 2137361463.

E-mail: rejanbruni@puc-rio.br

Resumo

Manifestações artísticas expressam a percepção, a cultura e as dimensões afetivas de quem as concebe, com elas interage e transmite. Patativa do Assaré, poeta popular que, em sua extensa obra, retratou a paisagem, a cultura, o povo e a história do sertão nordestino exemplifica esta múltipla apreensão. Seu livro "Cante lá que eu Canto Cá – Filosofia de um Trovador Nordestino", é objeto deste estudo. Buscou-se nele, localizar nomes comuns a plantas, analisá-los e avaliar se, o poeta, poderia inspirar-se nessas mesmas plantas, atualmente. Nos versos foram assinaladas 2.639 citações, referentes a 597 termos alusivos à natureza, extraídos 64 nomes diretamente de plantas. Inferiu-se nomes botânicos, através da análise dos versos e cotejamento com exemplares de herbário, oriundos de regiões do Cariri cearense. A paisagem e lugar, a despeito da crescente antropização, lograria, em grande parte, ser recontada. A pesquisa junta-se a outras que potencializam a valorização da conservação biológica e cultural, para a qual contribuem os status de conservação da imburana e do pequi, evocados pelo artista na obra.

Palavras-chave: Etnobotânica; Nomes populares de plantas; Flora Nordestina; Patativa do Assaré; Cariri Cearense.

Abstract / Resúmen

POETIC BLOSSOMS, RECORDS OF THE FLORA OF CARIRI IN CEARÁ IN THE WORKS OF THE POET PATATIVA DO ASSARÉ

Artistic expressions convey the perception, culture, and emotional dimensions of those who conceive, interact with, and transmit them. Patativa do Assaré, a popular poet, exemplifies this multifaceted grasp through his extensive work that portrays the landscape, culture, people, and history of the northeastern backlands. His book, "Sing There That I Sing Here - Philosophy of a Northeastern Troubadour," is the focus of this study. The aim was to identify common plant names, analyse them, and assess whether the poet could still draw inspiration from these plants today. The verses contain 2,639 citations related to nature, with 597 terms, 64 of which directly refer to plants. Botanical names were inferred through verse analysis and comparison with herbarium specimens from the Cariri region of Ceará. Despite increasing anthropisation, much of the landscape and place could largely be retold. This research joins others in enhancing the value of biological and cultural conservation, contributing to the conservation status of the imburana and pequi, as evoked by the artist in his work.

Keywords: Ethnobotany; Popular plant names; Northeastern Flora; Patativa do Assaré; Cariri Ceará.

FLORACIONES POÉTICAS, REGISTROS DE LA FLORA DEL CARIRI CEARENSE EN LA OBRA DEL POETA PATATIVA DO ASSARÉ

Las manifestaciones artísticas expresan la percepción, la cultura y las dimensiones afectivas de quienes las conciben, interactúan con ellas y las transmiten. Patativa do Assaré, un poeta popular que, en su extensa obra, retrató el paisaje, la cultura, la gente y la historia del interior del noreste ejemplifica esta aprehensión múltiple. Su libro "Cante lá que eu Canto Cá – Filosofia de um Trovador Nordestino", es el tema de este estudio. El objetivo era localizar nombres comunes de plantas, analizarlos y evaluar si el poeta podría inspirarse en esas mismas plantas de hoy. En los versos se destacaron 2.639 citas, referidas a 597 términos alusivos a la naturaleza, 64 nombres tomados directamente de plantas. Los nombres botánicos fueron inferidos mediante el análisis de los versos y la comparación con especímenes de herbario, de las regiones de Cariri, en Ceará. El paisaje y el lugar, a pesar de la creciente antropización, lograrían en gran medida ser recontados. La investigación se suma a otras que potencian la apreciación de la conservación biológica y cultural, a lo que contribuye el estado de conservación de la imburana y el pequi, evocados por el artista en la obra.

Palabras-clave: Etnobotánica; Nombres de plantas populares; Flora del noreste; Patativa do Assaré; Cariri Ceará.



INTRODUÇÃO

As poesias, as músicas e demais manifestações artísticas expressam a percepção, a cultura, as situações políticas e econômicas de uma dada sociedade, à época em que foram concebidas. Expressam também, as dimensões afetivas de quem as escreve, canta, escuta e transmite. A relação dos povos com a natureza, seus mitos e crenças manifestas, transforma-se em registros historiográficos os quais, sob a perspectiva das etnociências, podem transfigurar-se em dados científicos.

Quando desvelados, permitem apreender os efeitos do uso da natureza no passado, as alterações na paisagem, no solo, na abundância da fauna e flora de uma região ou, até mesmo, a extinção de uma determinada espécie (PERSIC; MARTIN, 2008). Muitos são os desafios teóricos e práticos relativos à essa área do conhecimento, especialmente em um país de grande diversidade biológica e cultural, como o Brasil.

Oliveira et al. (2009) destacam que a perspectiva de estudos não só da etnobiologia, mas da etnoecologia, p.ex., promove avanços do conhecimento e orienta as relações entre sociedades e natureza, ao valorizar o conhecimento tradicional através de seus dados, além de influenciar a formulação de políticas públicas.

As manifestações culturais exteriorizam a continuidade existencial de determinadas comunidades ou sociedades. Nelas a subjetividade do indivíduo é inseparável do ambiente onde vive, sendo seu ambiente um continuum de sua individualidade, a qual encontra na arte uma de suas mais expressivas vias. Tal subjetividade, contudo, como destaca Bourdieu (2008), se constitui tanto pelas motivações intrínsecas do sujeito como pela influência das condições sociais e culturais, sob as quais encontra-se submetido.

A arte une percepção e materialidade, ao selecionar as melhores plantas para extrair suas fibras e trançar cestos e embornais, fazer forração de abrigos; extrair corantes, de diferentes estruturas vegetais para diversificados empregos; coletar frutos e sementes para confecção de adornos variados; eleger e trabalhar a madeira na confecção de pios (apitos para chamar aves), brinquedos, imagens sacras, instrumentos musicais ou chapas para xilogravuras, dentre outras. Vinculações que alteram relações sensíveis, integradas e indistintas entre humanos e seu lugar, e mais, capazes de transformarem a imaterialidade em pintura, música e poesia.

Muitos estudos têm se dado no sentido de, à luz de diferentes fontes de documentação histórica, estabelecer relações entre narrativas e natureza, sejam sobre alimentação, plantas medicinais, exotismo de plantas e animais, encantamento com a paisagem recém-descoberta, dentre outros (MEDEIROS et al., 2014; TEIXEIRA; PAPAVERO, 2014; ALENCAR et al., 2010; MEDEIROS et al., 2010; FILGUEIRAS; PEIXOTO, 2002; PEIXOTO, 1999; ANDRADE-LIMA, 1984).

Um dos exemplos da relação homem-natureza-sociedade, dessa apreensão terra-artista, é Patativa do Assaré cuja parte de sua poesia é objeto deste estudo. Suas poesias, retrataram a vida do povo, a paisagem, a cultura e a história do sertão nordestino do país. Foi a “ave do sertão que musicalizou a história de um lugar tão bem defendido” (PAIVA; 2002), levando a vitalidade da cultura nordestina e projetando-a em todo o Brasil (SANTANA; CARVALHO, 2010).

Patativa retrata a realidade, o cotidiano, as práticas e as situações de sua região (a seca, a fome, o êxodo rural, a degradação do meio ambiente, a cultura, a alimentação, a paisagem sertaneja e seus muitos habitantes), no seu tempo, e vai muito além. A literatura sobre Patativa do Assaré e sua diversificada obra é numerosa e encontra-se distribuída em monografias, dissertações, teses, livros, artigos científicos, revistas e jornais e em sites, os mais diversos (FEITOSA; SILVA, 2020; NOGUEIRA, 2016; CARVALHO, 2011, 2002; CRUZ, 2011; ÂNGELO, 2009, 1999; ARRUDA, 2009; ANDRADE, 2003; ASSIS, 1999; NUVENS, 1995, CARIRY, 1982, entre outros).

A partir deste saber manifesto por Patativa sobre o ambiente em que vive, especificamente na sua obra “Cante lá que eu Canto Cá - Filosofia de um Trovador Nordestino”, busca-se avaliar as espécies por ele citadas, à luz do conhecimento botânico, bem como se, o poeta, ainda hoje, poderia inspirar-se e cantar estas mesmas plantas, vívidas e repletas de sentido na sua pulsão artística.

DESVELANDO AS POESIAS: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A primeira edição desse livro foi publicada em 1978. O exemplar impresso, utilizado na pesquisa, é da quinta edição, publicada em 1984, pela editora Vozes, em Petrópolis, Rio de Janeiro, em coedição com a Fundação Padre Ibiapina e Instituto Cultural do Cariri, Crato, Ceará. O livro é composto por 105 poemas, dentre os quais se encontra o poema “Carta ao Patativa - Hélder França (Dedé)”, o qual foi desconsiderado, visto que não é de autoria de Patativa. O que fundamentou a decisão em retirá-lo, foi o poema subsequente a ele, sob o título: “Resposta ao meu amigo e colega José Helder França (Dedé)”. Na obra intitulada: “Cante lá que eu Canto Cá - Filosofia de um Trovador Nordestino” foram inventariados, em cada poema, os termos referentes à natureza, plantas e suas associações.

A metodologia adotada para o inventário dos termos na obra foi a proposta por Filgueiras e Peixoto (2002) em seu estudo sobre a “Flora e Vegetação do Brasil na carta de Caminha” onde os autores enumeraram todas as linhas da carta e procederam sua pesquisa. Assim, foram enumeradas as 12.347 linhas dos 105 poemas, distribuídos em 328 páginas que compõem o livro, objeto desta pesquisa.

A partir desta leitura, organizou-se estruturadamente uma base de dados com todas as citações dos termos alusivos à natureza (sertão, baixio, serra, roça, passarinho etc). Alguns termos que se repetiram, ora no singular, ora no plural (e.g: madeira e madeiras, flor e flores), ou com variação de grafia, por escolha do autor (e.g: algodão, argudão e algodão, que são termos distintos designando uma mesma planta: *Gossypium barbadense* L., algodão na Tabela 1 foram considerados como termos únicos, preservando-se, porém, a grafia original da obra, na transcrição de partes dos versos. Posteriormente, os termos foram padronizados, segundo a grafia do Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, de 2009, Editora Antônio Houaiss e Editora Objetiva, Rio de Janeiro.

Os termos padronizados tiveram suas frequências mensuradas e sumarizadas em duas nuvens de palavras - uma com termos gerais da natureza e outra restrita às plantas - geradas a partir do pacote Wordcloud do Rstudio (FEINERER; HORNIK, 2021), onde o tamanho das palavras é baseado na frequência com que são citadas.

Foram filtradas, então, as citações relativas às plantas e reunidas em uma planilha de Excel contendo os seguintes dados: termo utilizado, título do poema, página inicial do poema, linha em que o termo é empregado, número de vezes em que foi citado no poema, seguido da transcrição de parte do verso (Anexo 1: Quadro complementar).

Os termos foram analisados quanto aos seus referenciamentos, se diretos ou indiretos. As referências diretas são aquelas em que a planta é explícita ou foneticamente citada e seu reconhecimento como elemento da flora é imediato (e.g: gameleira – “De foia de gamelêra”), havendo possibilidade de atribuição de um nome botânico. Considerou-se referência indireta aquela alusiva a um produto, derivado de uma planta, resultado da agência humana (e.g: a rapadura e a pinga, como derivados da cana-de-açúcar; a farinha, como um derivado da mandioca, o fio ou o tecido produzidos do algodão).

Para cada menção direta aos nomes vernaculares de plantas foram feitas tentativas de atribuição de nomes científicos, como chave para a busca de informações sobre seus registros de ocorrências, distribuições geográficas, usos e demais informações associadas, extensivos aos produtos ou associações delas derivados. Para tal valeu-se de consulta a estudos taxonômicos, etnobotânicos, inventários florísticos e floras, com enfoque à flora nordestina e do Ceará (CRUZ et al., 2023; LOIOLA et al., 2022; TABOSA et al., 2016; SOARES NETO et al., 2014; RIBEIRO-SILVA et al., 2012; COSTA et al., 2007, entre outros). Valeu-se também da consulta a coleções físicas de herbários e nos herbários virtuais (INCT-Herbário Virtual, 2023; ReFlora- Herbário Virtual, 2023). Utilizou-se a Flora e Funga do Brasil (2023) e The Plant List (2023) para aferição dos nomes científicos atribuídos. A busca por exemplares herborizados, coletados na região do Cariri, nos quais há anotações sobre os nomes vernaculares e usos, constituíram achados valiosos, especialmente aqueles de coletores, anteriores ou contemporâneos a Patativa.

Optou-se por utilizar, para as informações sobre o poeta, predominantemente, a entrevista realizada por Rosenberg Cariry, “Patativa do Assaré: Sua poesia - Sua Vida”, publicada em 1982, no livro Cultura insubmissa (estudos e reportagens), da Nação Cariri Editora, Fortaleza.

Duas incursões foram feitas à região do Cariri (agosto de 2017 e setembro de 2018) com o intuito de percorrer alguns caminhos trilhados pelo autor da obra (Figuras 1 a e b). Foram visitados os centros dos municípios e algumas localidades de Assaré, Barbalha, Crato, Missão Velha, Nova Olinda, Juazeiro e Santana do Cariri. Dentre as atividades realizadas nestas expedições foram priorizados os trajetos percorridos na Chapada do Araripe, as visitas ao Museu Patativa do Assaré, em Assaré, e aos mercados municipais de Juazeiro e Crato.

Optou-se por analisar as plantas referenciadas sob a perspectiva do poeta, as práticas locais das comunidades rurais do Cariri, decorrente da multiplicidade funcional e características culturais locais. Assim, uma mesma planta pode ser ao mesmo tempo fonte de sombra e abrigo do calor, como de frutos para alimentação. Ou também, pode ser colhida em um terreiro, sem que tenha sido plantada para isso. Ou ser cultivada para venda e não para consumo próprio, ou ainda, ser para consumo próprio e não para venda.

O POETA PATATIVA DO ASSARÉ

Antônio Gonçalves da Silva, conhecido como Patativa do Assaré (05/03/1909-08/07/2002), nasceu em Serra de Santana, Município de Assaré, Ceará. Filho de agricultores, aos nove anos fica órfão do pai. Começou a fazer versos aos 12 anos, influenciado pelos cordéis lidos por seu irmão mais velho. Pelas suas próprias palavras, “Eu comecei a fazer verso com 12 anos de idade. E continuei sempre na vida de agricultor” [...]. “Aos 16 anos eu comprei uma viola e comecei a cantar de improviso” (CARIRY, 1982). Aos 20 anos, foi conhecer o Pará, em companhia de um tio. Lá recebeu o apelido de “Patativa”, atribuído por José Carvalho de Brito, escritor cearense que, na época, escrevia para o jornal o “Correio do Ceará” (CARIRY, 1982). Foi assim apelidado em “associação do canto mavioso do pássaro (*Sporophila plumbea* Wied, 1830) com a performática do poeta” (FEITOSA, 2003; CARIRY, 1982).

Em suas poesias e falas diversas recorre a temas como amor, fraternidade, justiça, liberdade, dentre outros. Aborda, também, a dramaticidade que marcou seu crescimento, como a perda da vista direita, em consequência de sarampo, sua orfandade, seu trabalho como lavrador. Discorre ainda sobre suas percepções e vivências sobre o meio ambiente, e a prática campesina, além das dificuldades dos lavradores e operários pela falta de proteção. As suas dificuldades não o impediram de continuar a fazer poesias e cantar, no seu local de moradia, em eventos e festas, assim como usar as rádios das cidades da região onde vivia, especialmente a Radio Araripe do Crato, para divulgá-las. Tal dinâmica de vida possibilitou conquistar reconhecimento e pessoas que o estimularam e o ajudaram a publicar livros que hoje são marcadores da história poética nacional (CARVALHO, 2011; FEITOSA, 2003; CARIRY, 1982, entre outros) e cujo reconhecimento e gratidão a essas pessoas são expressados em diversas ocasiões, como:

“... A cópia foi datilografada na cidade de Crato pelo Dr. Moacir Mota, foi remetida para o Rio de Janeiro, lá o Dr. José Arraes Alencar, esse latinista, homem de profundo conhecimento, publicou meu livro na editora Borçoi...” (CARIRY, 1982, p.35).

“... Eu só tenho publicado os meus livros por iniciativa dos homens de cultura, como agora mesmo o Cante Lá que eu Canto Cá. O Cante Lá que eu Canto Cá foi iniciativa do homem de letras, o prof. Plácido Cidade Nuvens.” (CARIRY, 1982, p.36).

Publicou sete livros, sendo o primeiro, “Inspiração Nordestina”, em 1956, além de muitos cordéis, e gravou cinco discos (SANTANA; CARVALHO, 2010). Recebeu diversas homenagens e prêmios e foi admirado por grandes nomes da música popular brasileira, como Luiz Gonzaga, que gravou seu poema “Triste Partida”, Fagner, “Vaca Estrela e Boi Fubá”, dentre outros.

A Serra de Santana foi seu berço, sua inspiração, onde descobria, no decorrer de seus diálogos com a natureza e suas sonoridades, a resposta para as coisas, gerando, através da terra seca, a abundância poética (FEITOSA, 2003). Permaneceu como agricultor por toda a sua vida e sempre morou na região onde se criou – o Cariri, no sul do estado do Ceará.

A sua visão de mundo pode ser percebida, em parte, na entrevista concedida à “Nação Cariry”, quando ele tinha 70 anos (CARIRY, 1982):

[...] Nação Cariry: “Gostaria de saber seu posicionamento filosófico diante da vida, como você encara a vida, como você vê a vida.”

Patativa do Assaré: “A vida eu vejo como um grande problema do homem, um problema difícil de resolver e que é preciso ele não esmorecer e filosofar sobre os seus direitos e procurar se defender. Eu vejo que a vida sem amor, a vida sem fraternidade, sem contato de amizade de uns para os outros é um verdadeiro inferno. O mundo só seria bom se houvesse essa compreensão de amor e fraternidade. E o que arrasa a vida é justamente esta falta de amor, esta falta de proteção. O grande explorando o pequeno e é isso o que traz dificuldade para a vida de cada um” [...].

O LUGAR DE PATATIVA DO ASSARÉ

Diferentes acepções para definir a paisagem têm sido concebidas, a qual se constitui de camadas tanto de rochas, como de lembranças. É formada por um conjunto heterogêneo de funcionalidades e territórios, no tempo e no espaço (SCHAMA, 1996; SANTOS, 1996). Assim, as paisagens podem ser descritas sob distintas perspectivas e racionalidades que lhes imprimem escalas, circunscrições, historicidades e singularidades. Estamos acostumados a situar a natureza e a percepção humana em dois campos distintos, quando na verdade eles são inseparáveis. Antes de poder ser um repouso para os sentidos, a paisagem é obra da mente.

A paisagem, portanto, é sempre heterogênea: um conjunto de formas naturais e artificiais. É formada por frações de ambas, seja quanto ao tamanho, volume, cor, utilidade, ou por qualquer outro critério. A vida em sociedade supõe uma multiplicidade de funções e quanto maior o número destas, maior a diversidade de formas e de atores. Quanto mais complexa a vida social, tanto mais nos distanciamos de um mundo natural e nos endereçamos a um mundo artificial (SANTOS, 1996).

O Cariri de/em Patativa e aqui considerado, se coaduna com a representação geográfica regional – forjada no vivido, no saber e no sentir – de Irineu Pinheiro, Padre Antonio Gomes de Araújo, Raimundo Teles Pinheiro, dentre outros, como historiado e sensivelmente descrito por Semeão (2023).

Os seus registros poéticos evocam, para além do espaço e da paisagem, um sentido de lugar. Lugar aqui compreendido, segundo Tuan (1980), como: um centro de significado construído e experienciado através dos olhos e da mente, tanto quanto pelas maneiras como o percebe. Esses registros expressam também “a experiência sensorial e seu enraizamento numa localidade, além do comprometimento emocional”, o que são altamente raros (Tuan, 1980). Vem deste apego humano ao seu lugar, seja ele na escala comunal ou regional, as manifestações criativas que desvelam as identidades naturais e culturais.

Assim, Patativa se constitui, a partir do seu lugar, impregnado de suas vivências infantis, laborais e de homem engajado nas questões de seu tempo e vicissitudes, como expressam seus versos:

[...]Nasci entre a natureza, /Sempre adorando as beleza/Das obra do Criadô,/Uvindo o vento na serva? E vendo no campo a reva/Pintadinha de fulô./ Sou um caboco rocêro./ Sem letra e sem instrução./ O meu verso tem o chêro/ Da poêra do sertão; [...]” (Aos poetas clássicos, p. 19).

[...]Sou matuto sertanejo,/ Daquele matuto pobre/ Que não tem gado nem quêjo,/Nem ôro, prata ou cobre./ Sou sertanejo rocêro./ Eu trabaio o dia intêro,/ Que seja inverno ou verão./ Minhas mão é calejada, Minha péia é bronzeadá/ Da quentura do sertão.[...]” (Vida sertaneja, p. 75).

[...]Meu Deus, que é de nós? Assim fala o pobre do seco Nordeste, Com medo da peste, Da fome feroz.[...]” (A triste partida, p. 89).

Mostra-se também sensível às atividades comunais que ainda hoje são encontradas no Cariri e que enternecem, especialmente observadores das grandes cidades, ao descrever o processo coletivo e prazeroso numa casa de farinha:

“[...] Quem nunca passou na serra/ Um tempo de farinhada,/Perdeu a vida na terra./ Do mundo não gozou nada;/ Pois ali, as cunzinhêra, Rapadêra e lavadêra,/ É cada quá mais contente, Dando risada gostosa, Alegre e dizendo prosa, Jogando casca na gente.[...]” (O Puxadô de roda, p. 343).

Articular o lugar de Patativa, a partir de sua experiência sensorial, tomando prioritariamente os elementos da flora – da sua flora – e cotejando-os aos registros documentais constituem um desafio à compreensão de diferentes subjetividades.



Figura 1 - Fitofisionomias nos arredores do município de Assaré, marcadas pela sazonalidade. (a) período de estiagem; (b) período pós chuva. (Fotos: R.Guedes-Bruni).

O Cariri reportado neste estudo, enquanto lugar, encontra-se circunscrito, pelos trajetos de Patativa, por entres municípios pelos quais transitava, entre feiras, eventos e visitas, experienciando a natureza, cantando e recitando seus versos (Figuras 1a e b). Localiza-se na mesorregião Sul Cearense, que abrange 25 municípios em cinco microrregiões (BRASIL, 2023). Grande parte dos municípios e localidades, por ele mais frequentados, está circunscrita às microrregiões Chapada do Araripe e Cariri cearense, antigamente habitada pelos Kariri (PUNTONI, 2002). Assaré – onde nasceu o poeta – Araripe, Campos Sales, Juazeiro do Norte, Crato, Barbalha, Missão Velha, Jardim, Nova Olinda, Santana do Cariri, Farias Brito, entre outros, são municípios que integram estas duas microregiões.



Figura 3 - Nuvem de palavras alusivas à descrição da paisagem e sua flora, com os termos relativos a plantas.

Os registros da natureza, a partir do olhar poético do autor, expressam sua atenção à arquitetura e fenologia das árvores, às interações estabelecidas entre planta e animais, à forma como as raízes se fixam, à cronologia das vocalizações das aves, como expressam os versos a seguir:

“[...]Se em cima, na verde copa, / A passarada cantava, /Em baxo, na freca sombra,/A criancinha brincava. Aquela arve, tão amiga, /Caridosa, sem fadiga,/De tudo era proteção. Sua copa arredondada/Vivia sempre enfoiada, /Que fosse inverno ou verão. [...]” (A menina e a cajazêra, p.198).

“[...]Conheço um pé de aruêra/ Bem perto do meu roçado, /Que nesta mesma madêra/ Tem um gaio seco e ocado./ Um pica-pau todo dia/ Naquele gaio batia.../... Caçava broca e bisôro/ Que é sua alimentação,[...]” (O pica-pau, p. 208).

“[...]Quero o meu sertão cantar ... Onde o caboclo desperta/ Conhecendo a hora certa/ Pelo canto do nambu. [...]” (O Retrato do Sertão, p. 234).

Os ciclos de vida da planta também não lhes escapam à observação e nem os animais associados a tais processos, ao cantar:

“[...]E pra fica bem provado/Que tudo o que a terra cria/Tem seus momento de gozo/E os seus ano de agonia, /Ela foi, pôco a pôco, Banindo e criando ôco,/ Num desmatelo sem fim,/ E sujeita aos bicho mau:/O besôro serra-pau,/A broca, a traça e o cupim.[...]” (A menina e a cajazêra, p.200).

O reconhecimento ao valor medicinal das plantas de seu lugar pode ser evidenciado, quando poeta descreve a indigestão causada a quem passa fome, ou ainda quando come mais do que de costume, nos versos:

“[...]Mas, como não tem dinheiro,/ Mode comprá injeção,/ O jeito é bebê das prata,/ Que nasce inriba do chão:/ Macela com quina-quina,/ Chá de fôia de mamão/ E mais ôtras beberage /Que eu não vou dá relação,/ Pois se eu fosse dizê tudo,/ Dava um bonito livrão.[...]” (Coisas do Meu Sertão, p. 290).

Para além do uso das plantas do sertão, como fontes curativas, o poeta deixa desvelar nesta poesia anterior, a diversidade dessas plantas medicinais quando justifica:

“[...]Que eu não vou dá relação, / Pois se eu fosse dizê tudo, / Dava um bonito livrão. [...]” (“Coisas do meu Sertão”, p. 289).

Considerando nas 213 citações as 64 plantas reconhecidas neste estudo, destacam-se dentre as mais citadas: algodão (citado 31 vezes), feijão (24), milho (15), cajazeira (13) e rosa (12) (Tabela 1).

#	Nome comum	NP/NC	Nome botânico aferido	Família botânica	Origem	Uso
1	abrolho	1/1	<i>Kallstroemia tribuloides</i> (Mart.) Steud.	Zygophyllaceae	N	NC
2	açafroa	1/1	<i>Bixa orellana</i> L.	Bixaceae	N	CT
3	açucena	1/1	<i>Hippeastrum stylosum</i> Herb.	Amarillydaceae	N	CT
4	algodão	12/31	<i>Gossypium barbadense</i> L.	Malvaceae	E	CT
5	angico	2/2	<i>Anadenanthera colubrina</i> (Vell.) Brenan	Fabaceae	N	NC
6	aroeira	3/4	<i>Myrcodruon urundeiva</i> Allem.	Anacardiaceae	N	NC
7	arroz	5/5	<i>Oryza sativa</i> L.	Poaceae	E	CT
8	banana	1/1	<i>Musa</i> spp.	Musaceae	NZ	CT
9	banana-maçã	1/1	<i>Musa acuminata</i> x <i>M. balbisiana</i> (Grupo AAB)	Musaceae	NZ	CT
10	batata	1/1	<i>Ipomoea batatas</i> (L.) Lam.	Convolvulaceae	NZ	CT
11	bonina	1/1	<i>Mirabilis jalapa</i> L.	Nyctaginaceae	E	CT
12	brede	1/2	<i>Amaranthus spinosus</i> L.	Amaranthaceae	E	NC
13	bugari	2/2	<i>Jasminum</i> aff. <i>sambac</i> Duque	Oleaceae	E	CT
14	café	7/12	<i>Coffea arabica</i> L.	Rubiaceae	E	CT
15	cajazeira/cajã	2/13	<i>Spondias mombin</i> L.	Anacardiaceae	N	CT
16	cajueiro	4/7	<i>Anacardium occidentale</i> L.	Anacardiaceae	N	CT
17	cana	2/2	<i>Saccharum</i> spp.	Poaceae	E	CT
18	canela	1/1	<i>Cinnamomum verum</i> J.Presl	Lauraceae	E	CT
19	capim	1/1	Poaceae	Poaceae	-	-
20	carrapicho	1/1	<i>Cenchrus echinatus</i> L.	Poaceae	N	NC
21	castanha-portuguesa	1/1	<i>Castanea sativa</i> Mill	Fagaceae	E	NC
22	catingueira	1/1	<i>Cenostigma</i> spp.	Fabaceae	N	NC
23	catolé	1/1	<i>Syagrus oleracea</i> (Mart.) Becc.	Arecaceae	N	NC
24	coqueiro/coco	2/2	Arecaceae	Arecaceae	-	CT
25	cravo	1/1	<i>Dianthus</i> sp.	Caryophyllaceae	E	CT
26	feijão	16/24	<i>Phaseolus vulgaris</i> L.	Fabaceae	E	CT
27	feijao-ligeiro	1/1	<i>Phaseolus vigna</i> L.	Fabaceae	E	CT
28	flamboyan	1/1	<i>Delonix regia</i> (Bojer ex Hook.) Raf.	Fabaceae	E	CT
29	fumo	2/2	<i>Nicotiana tabacum</i> L.	Solanaceae	E	CT
30	ganmeleira	1/1	<i>Ficus gomelleira</i> Kunth	Moraceae	N	NC
31	grama	3/3	Poaceae	Poaceae	E	CT
32	imbé	1/1	<i>Philodendron</i> spp.	Araceae	N	NC
33	imburana	2/3	<i>Amburana cearenis</i> (Allenão) A.C.Sm.	Fabaceae	N	NC
34	jacarandá	1/3	<i>Jacaranda brasiliiana</i> (Lam.) Pers.	Bignoniaceae	N	NC
35	jasmim	1/1	<i>Jasminum</i> spp.	Oleaceae	E	CT
36	jatobá	2/2	<i>Hymenaea</i> spp.	Fabaceae	N	NC
37	juazeiro/juá	3/8	<i>Sarcophalus joazeiro</i> (Mart.) Hauenshild	Rhamnaceae	N	CT
38	jucá	1/1	<i>Libidibia ferrea</i> (Mart.) ex Tul. L.P.Queiroz	Fabaceae	N	NC
39	jurema	1/1	<i>Mimosa tenuiflora</i> (Willd.) Poir.	Fabaceae	N	NC
40	jurema-preta	1/1	<i>Mimosa arenosa</i> (Willd.) Poir.	Fabaceae	N	NC
41	macambira	1/3	<i>Bromelia laciniosa</i> Mart. ex Schult. & Schult. f.	Bromeliaceae	N	CT
42	macaxeira/mandioca	2/7	<i>Manihot esculenta</i> Crantz	Euphorbiaceae	N	CT
43	macela	1/1	<i>Egletes viscosa</i> (L.) Less.	Asteraceae	N	NC
44	maliça	1/1	<i>Mimosa sensitiva</i> L.	Fabaceae	N	NC
45	mamão	1/1	<i>Carica papaya</i> L.	Caricaceae	NZ	CT
46	manjerição	1/1	<i>Ocimum basilicum</i> L.	Lamiaceae	E	CT
47	melão	2/2	<i>Cucumis melo</i> L.	Cucurbitaceae	E	CT

Tabela 1 - Listagem de plantas citadas por Patativa do Assaré (1978) na obra Cante lá que eu Canto Cá – Filosofia de um Trovador Nordestino, em ordem alfabética de seus nomes comuns. NP/NC = Número de poemas em que o vernáculo é citado/Número total de citações; Origem: N = nativa; E = exótico; NZ = Naturalizada; Uso: CT = cultivada, NC = não cultivada.

#	Nome comum	NP/NC	Nome botânico aferido	Família botânica	Origem	Uso
48	milho	11/15	<i>Zea mays</i> L.	Poaceae	E	CT
49	mucunã	1/2	<i>Macropyschanthus grandiflorus</i> (Mart. ex Benth.) L.P. Queiroz & Snak	Fabaceae	N	NC
50	oiticica	1/1	<i>Licania rigida</i> Benth.	Chrysobalanaceae	N	NC
51	pajéu	1/1	<i>Triplaris gardneriana</i> Wedd.	Polygonaceae	N	NC
52	palmeira	1/1	Arecaceae	Arecaceae	-	-
53	pau-d'arco	3/4	<i>Handroanthus</i> spp.	Bignoniaceae	N	NC
54	pau-mocó	1/1	<i>Luetzelburgia auriculata</i> (Allemão) Ducke	Fabaceae	N	NC
55	pequi	1/1	<i>Caryocar coriaceum</i> Wittm.	Caryocaraceae	N	NC
56	quiabo	1/1	<i>Albemoschus esculentus</i> (L.) Moench	Malvaceae	NZ	CT
57	quina-quina	1/2	<i>Contarea hexandra</i> (Jacq.) K. Schum.	Rubiaceae	N	NC
58	rompe-gibão	1/1	<i>Sideroxylon obtusifolium</i> (Roem. & Schult.) T.D. Penn.	Sapotaceae	N	NC
59	rosa/roscira	11/12	<i>Rosa</i> spp.	Rosaceae	E	CT
60	tomate	1/1	<i>Solanum lycopersicum</i> L.	Solanaceae	NZ	CT
61	trapiá	1/1	<i>Crataeva tapia</i> L.	Capparaceae	N	NC
62	unha-de-gato	2/2	<i>Senegalia</i> spp.	Fabaceae	N	NC
63	urtiga	1/1	<i>Urena baccifera</i> (L.) Gandich. ex Wedd.	Urticaceae	N	NC
64	violeta	1/1	<i>Viola</i> spp.	Violaceae	E	CT

Tabela 1 - Listagem de plantas citadas por Patativa do Assaré (1978) na obra Cante lá que eu Canto Cá – Filosofia de um Trovador Nordestino, em ordem alfabética de seus nomes comuns. NP/NC = Número de poemas em que o vernáculo é citado/Número total de citações; Origem: N = nativa; E = exótico; NZ = Naturalizada; Uso: CT = cultivada, NC = não cultivada.

Os 64 nomes comuns mencionados nos versos puderam ser incluídos em suas respectivas famílias botânicas, totalizando 35, das quais Fabaceae é a que abriga o maior número de nomes comuns (13), seguida de Poaceae (7), Arecaceae (4) e Anacardiaceae (3). Nomes comuns com identificação aferida apenas até família foram cinco: capim e grama (Poaceae), coco e coqueiro e palmeira (Arecaceae).

Onze nomes comuns referidos abrigam notadamente mais de uma espécie botânica, sejam nativas à flora local ou exóticas cultivadas e optou-se por manter a inferência de identificação até gênero. São eles: banana, cana, catingueira, cravo, imbé, jasmim, jatobá, pau-d'arco, rosa e unha-de-gato (Tabela 1).

Para 48 nomes comuns aludidos nos versos, atribuiu-se nomes botânicos de espécie, reiterando, que tais identificações foram tratadas como inferências. A identificação taxonômica, dos nomes referenciados pelo poeta, é dificultada pela diversidade da flora local que possibilita abrigar, sob uma mesma designação popular, várias espécies de plantas e, aliado a isso, a inviabilidade de se dispor do exemplar testemunho, depositado em coleção.

Tomando a família Fabaceae como ilustração - por sua riqueza para a flora brasileira, com 3.033 espécies (BFG, 2021), tanto quanto para trechos no domínio da Caatinga (CRUZ et al., 2023; QUEIROZ, 2009) - as citações dos nomes comuns pelo poeta revelam sua riqueza, tanto na paisagem natural, como na construída.

São exaltadas as árvores que adornam as praças e os caminhos (flamboyan, *Delonix regia* (Bojer ex Hook.) Raf., aquelas copadas que sombreiam, abrigando o sertanejo e a vida silvestre, além daquelas provedoras de frutos (angico, *Anadenanthera colubrina* (Vell.) Brenan ou mucunã, *Macropyschanthus grandiflorus* (Mart. ex Benth.) L.P. Queiroz & Snak). Sua verve de lavrador faz com que, assim como os roçados, os feijões sejam, reiteradamente, citados em seus versos: 25 vezes.

“[...] Na roça bonita feijão bagiava, o mio já tava criando carôço. [...]” (História de uma Cruz, p. 292).

A Chapada do Araripe foi inventariada no que concerne às Fabaceae ali ocorrentes por Cruz e colaboradores (2023), quando foram registradas 194 espécies, das quais 44% são árvores. Destacam, dentre elas, a imburana - citada por Patativa, e para a qual foi atribuído o nome *Amburana cearensis* (Allemão) A.C.Sm.- espécie quase ameaçada de extinção.

“[...] Eu fui decendo... decendo... No caminho do riacho, Inté que cheguei de baxo De um grande pé de imburana [...]” (O Vim-vim, p.138).

Discorrendo sobre as Fabaceae, a designação unha-de-gato é utilizada na região, predominantemente, para três espécies do gênero *Senegalia* (*Senegalia riparia* (Kunth) Britton & Rose) ex Britton & Killip; *Senegalia polyphylla* (DC.) Britton & Rose, *Senegalia langsdorffii* (Benth.) Seigler & Ebinger.); Assim também, catingueira o é para três espécies do gênero *Cenostigma* (*Cenostigma bracteosum* (Tul) E. Gagnon & G.P. Lewis; *Cenostigma pyramidale* (Tul.) E. Gagnon & G.P.Lewis; *Cenostigma nordestinum* E. Gagnon & G.P. Lewis); Maliça, predominantemente para duas espécies do gênero *Mimosa* (*Mimosa sensitiva* L. e *Mimosa pudica* L.); Jatobá é um nome amplamente utilizado no Brasil, para espécies do gênero *Hymenaea*. Na região do Cariri duas espécies são as mais encontradas nas áreas de vegetação natural: *Hymenaea courbaril* L. e *Hymenaea eriogyne* Benth.

As plantas autóctones, ou seja, aquelas nativas da região, correspondem a cerca de metade dos nomes vernaculares utilizados pelo poeta: cajazeira, juazeiro, imburana, jacarandá e pau-d'arco, dentre outras.

Observa-se dentre as plantas exóticas (15) e naturalizadas (10) um predomínio nas poesias de espécies utilizadas na alimentação (e.g.: feijão, milho e macaxeira), assim como outras cultivadas para sombreamento e embelezamento de terrenos (flamboyan e jasmim), ou ainda para a caracterização metafórica de algo ou alguém (rosas e bugari). Ou seja, o poeta vale-se do senso comum do uso desses elementos, sem fugir do sentido geral aplicado pela população. Mostra, ao mesmo tempo, sua sensibilidade ao fazer referência à rosa, como algo delicado, que evoca o belo, mas também seus acúleos (“espinhos”) associados ao sofrimento:

“[...] No seu sono teria beijos/Da rosa e do bugari E os espíritos benfazejos Te defendem do saci. [...]” (Mãe preta, p.97).

“[...] Amanhã, ilusão doce e fagueira, Linda rosa molhada pelo orvalho [...]” (Amanhã, p.181).

“[...] Nos meus singelos versinhos/O leitor vai encontrar/ Em vez de rosas, espinhos. [...]” (Emigrante nordestino no sul do país, p. 324).

O feijão é lembrado em 16 poemas, e citado 24 vezes, desvela a multiplicidade de papéis que a planta assume na vida do lavrador: ora como alimento, ora sustento, ora prazer e festa.

“[...] Com feijão, mio e farinha, Era gorda, bem gordinha Minha querida Nanã,/ Quando há seca no sertão, Ao pobre farta feijão, Farinha, mio e arrôis. [...]” (A morte de Nanã, p. 38).

“[...] Das alegres luaradas, Das debulhas de feijão, / É almoço de feijão E a janta de mugunzá [...]” (O retrato do Sertão, p. 233).

Assim também o faz, na única menção ao feijão-ligeiro:

“[...] E o camponês prazentêro Vai prantá feijão ligêro, Pois é o que vinga premêro nas terra do meu sertão [...]” (Festa da Natureza, p.79).

O milho, referenciado em 11 poemas e 15 citações, reitera na obra a rotina de trabalho no campo, como marca também a estacionalidade na Chapada do Araripe, cuja chegada da chuva faz as brotações e folhagens viscejam na paisagem, como manifestado no verso:

“[...] tem mio e feijão nascido e a chapada enverdeceu [...]” (Ao Dotô do Avião, p. 254).

A mandioca e a macaxeira, nomes distintos para uma mesma espécie (*Manihot esculenta* Crantz), a despeito de seu valor na culinária sertaneja, foram citadas diretamente (7) em dois poemas:

“[...] Havia de tudo, melão macachêra E munta fruitêra [...]” (Uma triste verdade, p. 132).

“[...] As vez inté eu pensava Que o meu coração virava Mandioca e macachêra [...]” (O Puxadô de Roda, p. 340).

Considerada por Cascudo (2004) como “a rainha do Brasil”, a mandioca, assume caráter emblemático devido à sua importância e versatilidade em repertórios alimentares de diferentes culturas no território brasileiro. No semiárido nordestino seu principal produto, a farinha, está incorporada à dieta alimentar e, mais que isto, à própria sobrevivência das comunidades do campo. Os processos de feitura, comercialização e consumo desvelam as relações sociais e evocam a dimensão unificadora, carregada de valores simbólicos e identitários do sertanejo.

Além dos aspectos poéticos que evocam a beleza, assumem seus versos também a tradução das afeições que imantam as relações sociais e correlacionam trabalho, representações sociais e comportamentos de corte entre os jovens trabalhadores. Um exemplo valioso consta no poema O “Puxadô de roda”, quando apresenta o trabalho nas casas de farinha e de onde emerge a citação da macaxeira. Patativa fala da macaxeira ou mandioca em um contexto social que remete ao trabalho, tanto da “raspadeira de mandioca”, quanto ao do “puxador de mandioca”. Patativa, neste poema, apresenta figurativamente o coração do puxador em mandioca, o qual é tratado pelas raspadeiras. Assim, expande a compreensão da macaxeira para além de seu principal atributo, o alimentício, acrescentando o potencial que exerce na coesão e crescimento das comunidades agrárias no seu Cariri e nordeste, ao conectar almas.

O arroz consta em cinco poemas, onde é citado seis vezes, o qual articulado ao feijão-ligeiro, desvela as espécies a serem plantadas, adequadas à sazonalidade local. Patativa faz emergir sua empiria agrária, sem abdicar de imprimir sua crítica social aos versos, repletos de dramaticidade. Imaginação, representação, realidade e sofrimento se encontram a partir de um só lugar.

“[...] E o camponês prazentêro Vai prantá feijão ligêro, Pois é o que vinga premêro nas terra do meu sertão [...]” (Festa da Natureza, p. 79).

“[...] Quando há seca no sertão, Ao pobre farta feijão. Farinha, mio e arrôis, Foi isso o que aconteceu: A minha fia morreu, Na seca de trinta e dois [...]” (A morte de Nanã, p. 38).

Considerando as plantas de lavoura encontra-se o algodão que, durante meados do século XIX, foi chamado de ouro branco por ter alavancado a economia do Ceará, trazendo prosperidade econômica, além de grande fluxo migratório, até os anos de 1980 (CUNHA, 2020; ARAÚJO et al., 2012; GONÇALVES; RAMOS, 2008).

O algodão é mencionado por Patativa em 12 poemas, com 31 citações, o que acentua sua produção pujante, além do trabalho dela decorrente, como em:

“[...] Depois da safra chegá, Mode o algodão carregá/ Pois de ano em ano ele tira Grande safra de algodão. / Daquele proprietaro Que tanto algodão tirou, O povo faz comentaro,/ Que pisa inriba de tôco Nas lavôra de algodão [...]” (O Controlista, p. 268).

A importância do algodão perpassa por diferentes atributos: o valor do produto, a forma de cultivo, as relações de força e a exploração na relação entre o produtor, o fiscal e até mesmo o atravessador, quando se refere ao preço da produção. Mas é exaltado também por sua cor alva, criando uma imagética, um lugar na imaginação, que descreve, no próprio corpo, as vicissitudes do sertão.

“[...] Causa raiva e dá desgosto A gente pagá imposto Cobrado contra razão, E além de certos direito, Ainda vivê sujeito Ao tá fiscá de algodão [...]” (A vida aqui é assim, p. 81).

“[...] E hoje, sozinho a sofrê, Sem tê bonita nem feia, Sou um pobre sorterão Com a barba de algodão Sofrendo na casa aleia [...]” (Tudinha, p. 82).

As plantas do terreiro, reiteradamente cantadas em versos, correspondem às plantas exóticas ornamentais ou para sombreamento, ou a fruteiras nativas ou àquelas cultivadas ou mesmo as que crescem, espontaneamente, próximas às moradias e caminhos da roça e assim mantidas e manejadas., como o juazeiro, o caju, a açafroa, o mamão, a banana, a cana, entre outras.

“[...] Eu ia me sentá debaixo/ De um copado juazêro,/ Prá escutá prazentêro/ Os passarinho cantá,/ [...] Fiz do juazêro igreja/ E bejei, como quem bêja/ Dois Santo Antôï pequenino./ [...] Os dois véio passarinho/ Cantava num som de choro./ Uvindo aquele grogeio./ Logo no meu corpo veio/ Certo chamego de frio/ E subindo bem ligêro/ Pr'as gaia do juazêro,/ Achei o ninho vazio [...]” (O sabiá e o gavião, p. 226).

“[...] Veio um bando de campina,/ De canaro e sabiá/ E começaram a cantá/ Um hino santificado,/ Na copa do cajuêro/ Na copa de um cajuêro/ Que havia bem no terrêro/ No meu rancho esburacado./ [...] La fora os passo cantava,/ Na copa do cajuêro./ Em vez de gemido e chôro,/ As ave cantava em coro [...]” (A morte de Nanã, p. 38).

As plantas ornamentais destacam-se no terreiro ou próximo às residências, pela beleza e perfume de suas flores, associadas a sentimentos como: a saudade, a esperança, a descrição apaixonada por alguém ou ainda um castigo pelo erro praticado.

“Lá ficou minha choupana E o meu pé de framboão”(Serra de Santana, p. 239).

“De Fulô toda amarela, Pode a gente chamá ela Um bordado de açafroa” (O Radio ABC, p. 315).

Quando consideradas as plantas nativas da paisagem (Tabela 1), são referenciadas 34 plantas, onde destacam-se com mais citações: cajazeira, cajueiro, angico e juazeiro. Dentre as herbáceas destaca-se a açucena (*Hippeastrum stylosum* Herb.), planta queorna a paisagem da região, sendo também cultivada para o embelezamento de residências e seus jardins.

Tais espécies inspiram o poeta a enaltecer a beleza da vida, ao descrever o crescimento da cajazeira, a formação de sua copa frondosa que arrefece o calor de quem nela se abriga, tanto quanto provê pouso ou moradia às aves que nela gorgeiam. Exalta ainda as relações harmônicas e as relativiza ao descrever a senescência da árvore, em decorrência do tempo, intensificada pela predação do besouro-serra-pau. Harmonia e desequilíbrio, plenitude e finitude retratados através das interações ecológicas que acabam por simular o ciclo da vida:

“[...] Aquela copa vistosa Pra inocente criança Era um céu, um paraíso Verde, da cô da esperança. As ave fazia festa, Tinha graça a doce orquestra [...]” (A menina e a cajazêra, p.197).

“[...] E pra ficá bem provado Que tudo o que a terra cria Tem seus momentos de gozo E os seus anos de agonia, Ela foi, pôco a pôco, Banindo e criando ôco, Num desmantelo sem fim, E sujeita aos bicho mau: O besôro serra-pau, A broca, a traça e o cupim [...]” (A menina e a cajazêra, p.200).

Assim também o faz em relação ao cajueiro, cuja copa densa e expandida é capaz de aguaritar inúmeras espécies, como as muitas aves e cigarras:

“[...] Na manhã daquele dia, Veio um bando de campina, De canaro e sabiá E começaram a cantá Um hino santificado, Na copa de um cajuêro Que havia bem no terrêro/ Do meu rancho esburacado (A morte da Nanã, p. 42).

“[...] Eu ia me pervinindo, E alem disto eu tava uvindo Todo dia da sumana O vim-vim no meu terrêro, Cantando no cajuêro Perto da minha chupana “[...] Passava lá o dia intêro Na copa do cajuêro, A cantá, sempre a cantá, [...]” (O Vim-vim, p. 150).

“[...]Na copa redonda de algum juazeiro A aguda cigarra seu canto desata [...]” (Dois Quadros, p.55).

A paisagem e sua história acabam por encerrar aspectos de sua diversidade biológica que resultam do tensionamento entre a expansão de áreas urbanas ou agrárias e a capacidade de adaptação de seus componentes. Assim, reflexionando os aspectos relativos à avaliação do status de conservação das espécies da flora brasileira, considerada mundialmente a mais rica (BFG, 2021), buscou-se interpretar o conjunto de plantas nativas, cantado por Patativa, sob esta perspectiva.

Foram consideradas as 34 plantas autóctones, citadas nos poemas, baseados no trabalho coordenado pelo CNCFlora/Centro Nacional de Conservação da Flora – e consoante aos critérios da IUCN/International Union for Conservation of Nature and Natural Resources – para o qual, pouco mais de 20% das espécies da flora brasileira foram avaliadas. Somente seis delas foram avaliadas quanto ao risco de extinção, sendo classificadas como Pouco Preocupante (LC): rompe-gibão (*Sideroxylon obtusifolium*), pau-mocó (*Luetzelburgia auriculata*), jacarandá (*Jacaranda brasiliana*) e aroeira (*Myracrodruon urundeuva*). Apenas uma foi considerada como Quase Ameaçada (NT), a imburana (*Amburana cearenses*), enquanto outra, como Vulnerável (VU), o pequi (*Caryocar coriaceum*).

Considerando a diversidade florística dessa região e os processos de redução e fragmentação de áreas naturais, ressalta-se a importância da continuidade e aceleração dessas avaliações, tanto para o Brasil, como nas escalas regional e estadual, como subsídios aos órgãos ambientais, sobretudo nessa região da Chapada, na busca por estratégias que impeçam não só a fragilização, como, principalmente, extinções locais de espécies.

CONCLUSÃO

A paisagem da região do Cariri, agrícola, heterogênea e articulada às áreas naturais, é também conjurada através das muitas espécies nativas que a adornam e cujas ações antrópicas acabam por redesenhar novas espacialidades e paisagens. Tais arranjos impactam, em diferentes escalas, populações de espécies concorrendo, muitas das vezes, para suas vulnerabilizações ou até mesmo ameaça de extinção, como as já citadas imburana e pequi. A expansão de áreas agrícolas, bem como de áreas urbanas ampliam a fragmentação de áreas naturais, e acabam por confinar tais populações silvestres nas unidades de conservação e em pequenos fragmentos, mantidos em áreas particulares.

A dificuldade, ou mesmo hesitação, sentidas ao atribuir nomes científicos numa tentativa de identificação taxonômica das plantas, citadas por seus nomes vernaculares locais, são também vivenciadas por outros autores. Isso reitera o entendimento sobre a importância da explicitação, nas etiquetas de coletas, quanto a características morfológicas, tais como: cores, porte, aroma, organização, dentre outras, tão valorizadas em estudos que utilizam coleções botânicas. Assim também o são as características culturais associadas, e.g: as denominações locais, os usos e demais atributos que nos chegam pela oralidade das comunidades, durante o trabalho de campo. Na linguagem poética de Patativa, apoiado em sua vivência local e acurácia de observador contumaz, tais caracterizações foram de grande auxílio para sanar dúvidas e possibilitar análises que levassem às inferências taxonômicas.

A análise dos poemas de Cante lá que eu canto cá, a partir deste recorte temático – nomes vernaculares das plantas – demonstra o valor que seus versos encerram para o conhecimento da flora local, de seus usos na ornamentação das moradias, na composição de jardins e terreiros, assim como das plantas empregadas no cultivo para subsistência ou para ganho. Relatam também as transformações na paisagem em resposta à sazonalidade das chuvas, às floradas decorrentes, à vegetação que se reveste de folhagem, à disponibilidade de recursos que abrigam e alimentam os pássaros, os insetos e outros animais evocados. Reconectam as comunidades atuais às tradições culturais de seu lugar, expressas nas feiras, quermesses e festejos evocativos. A imagética se dá plasmada de uma narrativa realista, onde os aspectos ambientais são reportados indissociadamente das questões sociais, perscrutando desta forma a natureza do sertão e do ser sertanejo.

As plantas enaltecidas em suas poesias compõem, ainda hoje, a paisagem, onde a Chapada do Araripe sobeja, para além de sua majestosa geomorfologia, valores naturais e socio culturais, bem como desigualdades sociais. Assim sendo, sua poesia poderia, na contemporaneidade, ser cantada/contada como Patativa o fez.

A poesia e o poder da palavra nela contido, para além de descrever a natureza, no tempo e espaço, desvela a multiplicidade de suas inserções. Constitui-se num campo exploratório de pesquisa para além

da etnobiologia, da geografia humanista ou da ecocrítica – campos tão conexos – em cujo vir a ser pode esclarecer, sensibilizar e animar esforços dedicados à conservação biológica e cultural, para os quais a educação assume papel fundamental.

AGRADECIMENTOS

Essa pesquisa foi enriquecida por inúmeros contatos, conversas e portas abertas por pessoas que moram no Cariri cearense. Citando aqui Carlos Gutenberg Brasileiro e Thereza Denise Luna Parente expressamos nossos agradecimentos aos caririenses que de diferentes maneiras nos ajudaram ou inspiraram. Ao Prof. Weber Girão (Associação de Pesquisa e Preservação de Ecossistemas Aquáticos – AQUASIS) por sua disponibilidade em nos ilustrar com seu conhecimento no trabalho de campo. A Tito Bruni pelo auxílio na curadoria da base de dados e elaboração das nuvens de palavras que ilustram o texto. Dedicamos esse trabalho ao engenheiro e poeta Arilo Luna, que nos mostrou, com palavras amorosas e fotos guardadas a sete chaves o seu imenso respeito ao poeta Patativa do Assaré.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Nélon Leal; MEDEIROS, Patrícia Muniz de; MEDEIROS, Maria Franco Trindade. Medicinal Plants Prescribed in the Hospital of the São Bento Monastery between 1823 and 1824 in Olinda Northeastern Brazil. *The Open Complementary Medicine Journal* v. 2010. n. 2, p 74-79. 2010.
- ANDRADE, Cláudio Henrique Sales. Patativa do Assaré: as razões da emoção (capítulos de uma poética sertaneja). Fortaleza: editora UFC–São Paulo: Nankin editorial. 2003
- ANDRADE-LIMA, Dárdano de. A botânica da Carta de Pero Vaz de Caminha. *Rodriguésia* v. 36, p 5-8.1984.
- ÂNGELO, Assis. O poeta do povo: vida e obra de Patativa do Assaré. São Paulo: CPC–UMES. 1999.
- ÂNGELO, Assis. O poeta e o jornalista. Audiolivro. Universidade Falada. <http://bibliotecadigital.saobernardo.sp.gov.br/audiolivro/patativa-do-assare-o-poeta-e-o-jornalista-assis-angel-universidade-falada>. 2009.
- ARAÚJO FILHO, Acúrcio Alencar; RABELO, José Luciano Chagas; COÊLHO, Jackson Dantas; FREITAS, George Alberto de; SENA, José Vladimir Cardoso. Caracterização da cadeia produtiva do algodão no semiárido nordestino. Fortaleza. Banco do Nordeste do Brasil. Série Documentos do ETENE, n. 32. 2012
- ARAÚJO, Francisca Soares de; RODAL Maria Jesus Nogueira; BARBOSA, Maria Regina Vasconcelos; MARTINS, Fernando Roberto. Repartição da flora lenhosa no domínio da Caatinga. In: Araújo, F. S. de; Rodal, M. J. N; Barbosa, M. R. V. (orgs.). Análise das variações da biodiversidade do bioma Caatinga: suporte a estratégias regionais de conservação. Brasília: Ministério do Meio Ambiente. p. 15-33. 2005.
- ARRUDA, Inácio (Org.). Patativa do Assaré – Poeta Universal. Publ. Senado Federal. Fortaleza, Gráfica Pouchain Ramos, 180p. 2009. Acesso m <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/385447>
- ASSARÉ, Patativa do [SILVA, Antônio Gonçalves da.] Cante lá que eu Canto Cá - Filosofia de um Trovador Nordestino. 5ª ed, Petrópolis, Vozes/ Fundação Padre Ibiapina e Instituto Cultural do Cariri, Crato. 1984.
- BOURDIEU, Pierre. Razões práticas: sobre a teoria ação. Campinas. Ed. Papirus. 224 p. 2008.
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Cidades. Disponível em: . Acesso em: 21 mar. 2023.
- BRAZIL FLORA GROUP (BFG). Growing knowledge: an overview of seed Plant diversity in Brazil. *Rodriguésia*, v. 66, n. 4, p. 1085-1113, 2015.

CARIRY, Rosenberg. Patativa do Assaré: Sua poesia - Sua Vida. Entrevista realizada por Rosenberg Cariry. Pp, 32-59. In Rosenberg Cariry e Oswald Barroso (Orgs) Cultura insubmissa (estudos e reportagens). Fortaleza: Nação Cariri Editora. 261p. 1982.

CARVALHO, Gilmar de. Patativa do Assaré: um poeta cidadão. 2.ed. São Paulo: Expressão Popular. 2011.

CARVALHO, Gilmar de. Patativa Poeta Pássaro do Assaré. Fortaleza: Editora Museu do Ceará: Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará. 2002.

CASCUDO, Luis da Câmara. História da alimentação no Brasil. 3ª edição. São Paulo. Ed Global. 2004.

COSTA, Itayguara Ribeiro da; ARAÚJO, Francisca Soares de, LIMA-VERDE, Luiz Wilson. Flora e aspectos auto-ecológicos de um enclave de cerrado na Chapada do Araripe, Nordeste do Brasil. Acta Botânica Brasilica v 18, n.4, p 759-770. 2004. doi.org/10.1590/S0102-33062004000400006

COSTA, Rafael Carvalho da; ARAÚJO, Francisca Soares. Physiognomy and structure of a caatinga with *Cordia oncocalyx* (Boraginaceae), a new type of community in Andrade-Lima's classification of caatingas. Rodriguésia v. 63 n. 2, p. 269-276. 2012.

COSTA, Rafael Carvalho da; ARAÚJO, Francisca Soares; LIMA-VERDE, Luiz Wilson. Flora and life-form spectrum in an area of deciduous thorn woodland (caatinga) in northeastern, Brazil. Journal of Arid Environments v. 68, p. 237-247. 2007.

CRUZ, Eurivan R. A Natureza e o Homem na Literatura Brasileira. Curitiba: Appris. 2011.

CRUZ, Mariana Ferreira da; SANTOS, Antonio Carlito Bezerra; SANTOS, Marcos Aurélio Figueiredo; SOARES NETO, Raimundo Luciano; LACERDA, Síreles Rodrigues; NASCIMENTO, Márcio Pereira; LOIOLA, Maria Iracema Bezerra; SILVA, Maria Arlene Pessoa da. Fabaceae Lindl. in the Chapada do Araripe, Northeast Brazil. Phytotaxa v. 625 n. 1, p 1-27. 2023. DOI: 10.11646/phytotaxa.625.1.1

CUNHA, George Henrique de Moura. O algodão na economia da província do Ceará durante o século XIX: algumas considerações sobre a sua importância. Revista de Desenvolvimento Econômico – RDE v. 3, n. 47, p. 211-240. 2020. DOI:10.36810/rde.v3i47.6850

FEINERER, INGO & HORNIK, KURT. Wordcloud: Word Clouds (versão 2.6) [Software de computador]. RStudio. 2021. Disponível em: <https://cran.r-project.org/package=wordcloud>. Acesso em: 15 jul. 2023

FEITOSA, Carla Nathali Cavalcanti; SILVA Josivaldo Custódio da. Aspectos ecológicos no poema Eu e Meu Campina, de Patativa do Assaré: uma abordagem ecocrítica. Brazilian Journal of Development – BDJ. v. 6 n.4, p 17-36. 2020. DOI: 10.34117/bjdv6n4-138

FEITOSA, Luiz Tadeu. Patativa do Assaré: A trajetória de um canto. São Paulo. Editora Escrituras. 2003.

FILGUEIRAS, Tarciso de Sousa; PEIXOTO, Ariane Luna. Flora e vegetação do Brasil na carta de Caminha. Acta Botanica Brasilica v. 16, n.3, p: 263-272. 2002.

FLORA E FUNGA DO BRASIL. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: . Acesso em: 03 jun. 2023

GONÇALVES, José Sidnei; RAMOS, Soraia de Fátima. Da origem à hegemonia e crise do algodão meridional brasileiro no século XX. Informações Econômicas, São Paulo, v.38, n.2, p 25-41. 2008

INCT-Herbário Virtual da Flora e dos Fungos / CRIA Centro de Referência em Informação Ambiental. <http://inct.splink.org.br>. Acesso em: 03 jun. 2023.

LOIOLA, Maria Iracema Bezerra; SILVA Maria Vitória Coutinho Cordeiro da; RIBEIRO, Rayane de Tasso Moreira. Flora of Ceará State, Brazil: Caryocaraceae, Hypericaceae, and Rhizophoraceae. Rodriguésia v. 73: e00192021. p. 2-11. 2022. DOI: 10.1590/2175-7860202273055

- MEDEIROS Maria Franco Trindade; ALBUQUERQUE Ulysses Paulino. Food flora in 17th century northeast region of Brazil in *Historia Naturalis Brasiliae*. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine* v. 10, n. 50. p 1-20. 2014, <http://www.ethnobiomed.com/content/10/1/50>
- MEDEIROS, Maria Franco; ANDREATA, Regina Helena Potsch; SENNA-VALLE, Luci de. Identificação de termos oitocentistas relacionados às plantas medicinais usadas no Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro/Brasil. *Acta Botanica Brasílica* v. 24. p 780-789. 2010
- MELLO, Patrícia Gomes de. Topoi e informações compartilhadas no discurso poético de Patativa do Assaré. *Miguilim - Revista Eletrônica do Netlli, Crato*, v. 5, n. 1, p. 26-50. 2016.
- MORO, Marcelo Freire; LUGHADHA, Eimear Nic; FILER, Denis L.; ARAÚJO, Francisca Soares; MARTINS, Fernando Roberto. A catalogue of the vascular plants of the Caatinga Phytogeographical Domain: a synthesis of floristic and phytosociological surveys. *Phytotaxa* v. 160, n. 1, p 1-118, 2014. DOI: 10.11646/phytotaxa.160.1.1
- NOGUEIRA, Carlos. Natureza e ambiente na literatura de cordel brasileira. *Studies in Latin American Popular Cultura*, v. 34, p. 128-146. University of Texas, 2016. DOI: 10.7560/SLAPC3407.
- NUVENS, Plácido Cidade. *Patativa e o Universo Fascinante do Sertão*. Fortaleza: Universidade de Fortaleza, 1995.
- OLIVEIRA, Flávia Camargo de; ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino de; FONSECA-KRUEL, Viviane Stern da; HANAZAKI, Natalia. Avanços nas pesquisas etnobotânicas no Brasil, *Acta Botanica Brasílica* v.23, n.2, p.590-605. 2009.
- PAIVA, A. de. Morre um dos mais ilustres poetas brasileiros. In: *Jornal do Cariri. Região do Cariri*. 10 de julho de 2002. p.4.
- PEIXOTO, Ariane Luna. Brazilian botany on the threshold of the 21th century: Looking through the scientific collections. *Ciência e Cultura* v. 51, n. 5/6, pp. 349-362. 1999.
- PERSIC, Ana; MARTIN, Gary (Eds.) *Links between biological and cultural diversity: Concepts, methods and experiences*. Report of an International Workshop, UNESCO (Org). Paris 2008. Printed Watelet-Arbelot. 47p. 2008.
- PUNTONI, Pedro. *A Guerra dos Bárbaros: Povos Indígenas e a colonização do Sertão Nordeste do Brasil, 1650-1720*. São Paulo: Hucitec. 2002.
- QUEIROZ, Luciano Paganucci. *Leguminosas da Caatinga*. Editora da Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 913 pp. 2009.
- REFLORA - *Herbário Virtual*. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/herbarioVirtual/> Acesso em 3/6/2023
- RIBEIRO-SILVA, Suelma; MEDEIROS, Marcelo Brilhante de; GOMES, Beatriz Machado; SEIXAS, Emídia Naiana Costa; SILVA, Maria Arlene Pessoa. Angiosperms from the Araripe National Forest, Ceará, Brazil. *Check List* v. 8, p.744-750. 2012.
- SANTANA, T. e Carvalho, G. de *Patativa do Assaré: O sertão dentro de mim*. Tempo D'Imagem. Fortaleza. 2010.
- SANTOS, M. 1996. *Técnica Espaço Tempo – Globalização e Meio Técnico-científico Informacional*. São Paulo: Hucitec, 190p.
- SCHAMA, Simon. *Paisagem e Memória*, São Paulo: Companhia das Letras. 1996.
- SEMEÃO, Jane. Instituto Cultural do Cariri e a invenção de uma tradição paisagística para o sul cearense (1950 – 1970). *Revista Ars Historica* v. 25, Dossiê Diálogos em História Ambiental, p. 74-92. 2023. Disponível em: <https://revistas.ufjf.br/index.php/ars/article/view/60712> Acessado em: 17/09/2023
- SOARES NETO, Raimundo Luciano; MAGALHÃES, Francisco Átila Leles; TABOSA, Francisco Romário Silva; MORO, Marcelo Freire; SILVA, Maria Bernadete Costa e; LOIOLA, Maria Iracema

Bezerra. Flora do Ceará, Brasil: Capparaceae. Rodriguésia v. 65, n.3, p 671-684. 2014. <https://doi.org/10.1590/2175-7860201465307>

SOUZA JR, Carlos M; SHIMBO, Julia Z.; ROSA, Marcos R.; PARENTE, Leandro L.; ALENCAR, Ane A.; RUDORFF, Bernardo F. T.; HASENACK, Heinrich; MATSUMOTO, Marcelo; FERREIRA, Laerte G.; SOUZA-FILHO, Pedro W. M.; OLIVEIRA, Sergio W. de; ROCHA, Washington F.; FONSECA, Antônio V.; MARQUES, Camila B.; DINIZ, Cesar G.; COSTA, Diego; MONTEIRO, Dyeden; ROSA, Eduardo R.; VÉLEZ-MARTIN, Eduardo; WEBER, Eliseu J.; LENTI, Felipe E. B.; PATERNOST, Fernando F.; PAREYN, Frans G. C.; SIQUEIRA, João V.; VIERA, José L.; FERREIRA NETO, Luiz C.; SARAIVA, Marciano M.; SALES, Marcio H.; SALGADO, Moises P. G.; VASCONCELOS, Rodrigo; GALANO, Soltan; MESQUITA, Vinicius V.; AZEVEDO, Tasso. [MapBiomias] – Reconstructing Three Decades of Land Use and Land Cover Changes in Brazilian Biomes with Landsat Archive and Earth Engine – Remote Sensing, v. 12, n. 17, 2020.

TABOSA, Francisco Romário Silva; ALMEIDA, Elida Machado; MELO, Efigenia; LOIOLA, Maria Iracema Bezerra. Flora do Ceará, Brasil: Polygonaceae. Rodriguésia v. 67, n. 4, p. 981-996. 2016 <https://doi.org/10.1590/2175-7860201667409>

TEIXEIRA, Dante Martins; PAPAVERO, Nelson. Visões da fauna e flora da Amazônia em dois raros folhetos portugueses do século XVIII incentivando a emigração. Arquivos de Zoologia v. 45, p 35-44. 2014.

THE PLANT LIST – 2023. A working list of all plant species (<http://www.theplantlist.org>). Acessado em: 03 de junho de 2023.

TUAN, Yi-Fu. Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

Afiliação dos Autores

Guedes-Bruni, R.R. - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (RJ), Brasil.
Matta, M.V.M.G.A. - Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, Rio de Janeiro (RJ), Brasil.
Brito, M.R. - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (RJ), Brasil.
Sales, G.P.S. - Professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (RJ), Brasil.
Peixoto, A.L. - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (RJ), Brasil.

Contribuição dos Autores

Guedes-Bruni, R.R. - O autora contribuiu para a elaboração, realização e manipulação dos dados e redação.
Matta, M.V.M.G.A. - O autora contribuiu para a elaboração, realização e manipulação dos dados e redação.
Brito, M.R. - O autora contribuiu para a elaboração, realização e manipulação dos dados e redação.
Sales, G.P.S. - O autor contribuiu para a elaboração, realização e manipulação dos dados e redação.
Peixoto, A.L. - A autora contribuiu para a elaboração, realização e manipulação dos dados e redação.

Editores Responsáveis

Alexandra Maria Oliveira
Alexandre Queiroz Pereira